



ATRAVESSAMENTOS E DIFICULDADES NO CAMINHO DA PESQUISA REALIZADA DE FORMA REMOTA

Silviane de Queiroz Caixeta Christian Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
silviane.caixeta@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-7373-1395>

Modalidade: artigo completo (para comunicação oral).

Resumo:

Neste artigo discute-se o caminhar da pesquisa de mestrado a partir da narrativa de uma pesquisadora em fase de produção de dados, trazendo os atravessamentos produzidos no ato de pesquisar. Apresento, em linhas gerais, a pesquisa e quais têm sido as dificuldades no percurso. Como referencial teórico-metodológico, a pesquisa a que este texto se refere mobiliza a História Oral e aposto nas potencialidades das narrativas para entendermos e resignificar o caminhar da pesquisa. A narrativa que apresento traz as marcas do trabalho na produção de dados da pesquisa de mestrado realizada integralmente durante o período da pandemia Covid-19. Essa narrativa é um exercício de pensar a pesquisa e, em especial o que tem atrapalhado a produção dos dados nesse período de atividades remotas.

Palavras-chave: Narrativa, Pesquisa, Produção de dados de forma remota.

1. Introdução

Com a suspensão das aulas presenciais¹ desde março de 2020, os professores têm se organizado a fim de conseguir realizar todo o trabalho docente de forma remota. Sem interação presencial com os alunos e sem os recursos pedagógicos que a maioria dos professores utilizava, foi necessário mudar as metodologias de ensino e isso exigiu o emprego de horas a mais de dedicação. A hipótese da pesquisa, a qual este texto se refere, é a de que com as aulas remotas, as práticas docentes nesse período produziram um cenário escolar singular e muito diferente do que entendemos por escola. Ao ouvir os professores, pudemos ter acesso ao modo como eles têm lidado com esta situação e como têm sido afetados por esse modo de ensinar. A escolha por esse objeto de pesquisa se deu ainda, buscando a compreensão das estratégias desenvolvidas por professores durante esse período.

Neste texto, a partir da minha narrativa, uma pesquisadora em fase de produção de dados, busco trazer os atravessamentos produzidos no ato de pesquisar bem como as dificuldades na realização das textualizações das entrevistas. A narrativa que apresento foi

¹ Em Mato Grosso do Sul de acordo com o Decreto nº 15.391, de 16 de março de 2020, devido a pandemia da Covid-19.

produzida a partir do que trago neste texto sobre as potencialidades da narrativa para conhecer a nós mesmo e para se reinventar ao narrar.

2. Percurso teórico-metodológico

Os dados da pesquisa estão sendo produzidos a partir de entrevistas orais realizadas com professores de matemática de escolas estaduais localizadas em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Cinco entrevistas já foram feitas e estão sendo textualizadas, a partir da metodologia de pesquisa História Oral que tem como função “conhecer, registrar e divulgar narrativas de atores que vivenciaram determinada situação, em determinados espaços e tempos” (GARNICA; GOMES, 2020, p. 21). A História Oral pode ser ainda entendida, como

[...] uma metodologia de pesquisa que tem a intenção de registrar perspectivas subjetivas narradas por depoentes que o pesquisador julga serem fundamentais para compreender determinado tema. Essas narrativas são criadas oralmente e registradas em momentos de entrevista. (GARNICA; GOMES, 2020, p. 16)

A subjetividade de professores de matemática que atuaram nesse contexto de pandemia e que se mobilizam frente às possibilidades, é o que tomaremos como pontos principais de discussão, juntamente com os decretos e resoluções que orientaram as práticas durante o período estudado. As narrativas produzidas com esses professores permitem que estes criem a si próprios, ou ainda, “são chaves para conhecermos as coisas e nós mesmos” (GARNICA; GOMES, 2020, p. 20).

Nessa pesquisa, nossa intenção é olhar para a escola através dos olhos dos professores, protagonistas dessa história que vamos escrever. Ninguém melhor do que eles para narrarem o que a escola tem passado e como ela tem se constituído nesse período. Temos a clareza de que as narrativas são situadas (tempo e espaço) e nos dirão muito a respeito das afetações destes professores. Nossa intenção aqui é exercitar a escuta atenta sem o intuito de fazer julgamentos e sim produzir com essas narrativas o contexto da escola neste período de pandemia.

As narrativas expressam o que é possível dizer, num mundo onde os ditos ressoam. As narrativas, registros da ação, permitem compreender algumas das crenças segundo as quais as pessoas agem. Permitem compreender que não há manutenção eterna nem alteração frequente: mostram que mantemos hábitos no esforço de rompê-los, que afirmamos querer romper hábitos para que possamos mantê-los. Ao fim e ao cabo, mostram que vivemos num mundo no qual estes discursos têm lugar e, de um modo ou outro, fazem sentido. (GARNICA, 2011, p. 7)

As narrativas dos professores nos aproximarão do cotidiano docente que nos situarão no contexto da escola. De acordo com Bolívar, Domingo e Fernández (2001), faz parte do dia a dia dos professores organizarem para suas práticas, discursos narrativos para atuação

profissional. Neste caso, buscamos nos discursos o modo como os professores tem vivenciado o contexto escolar, a partir do compartilhamento de suas experiências vividas, suas angústias, aflições, realizações, sucessos e fracassos, de modo que nos seja possível visualizar a partir de suas narrativas, os processos de constituição de escola² nesse contexto da pandemia, Covid-19.

As narrativas são um processo incessante de construir-se frente a alguém, um equilíbrio entre aspectos internos e externos ao ser humano que nunca é completo, apenas interrompido para um registro. As narrativas que produzimos a partir de entrevistas são plurais, dispersas, inacabadas, desejantes e com potencialidades para extrapolar discursos higienizados comumente presentes nas pesquisas acadêmicas. As narrativas por nós produzidas nos unem em comunidade, nos permitem fazer parte de algo com regras estabelecidas sobre aquilo que pode e o que não pode ser dito em uma determinada época. (SILVA; GARNICA, 2019, p. 9)

Todo o caminhar dessa pesquisa tem sido realizado de forma remota, pelos mesmos motivos que os nossos colaboradores têm trabalho de forma remota.

As narrativas da pesquisa foram produzidas a partir de entrevistas orais que ocorreram via plataforma *Google Meet*, entre os meses de dezembro de 2020 e abril de 2021. Os entrevistados foram contatados via e-mail e as datas agendadas. Para a entrevista, segui um roteiro que foi elaborado com o intuito de produzir uma pesquisa com e não sobre eles. Dessa forma as questões propostas não tinham a função de reconhecer discursos prontos ou respostas esperadas e sim questões novas a partir da atuação no ensino remoto. As entrevistas com duração entre 40 e 90 minutos foram gravadas pelo *Google Meet* e pelo gravador do celular e, posteriormente, transcritas.

Após o processo das entrevistas, me debrucei sobre as transcrições³. Fase técnica, exaustiva, lenta, ouvir, voltar, digitar, voltar novamente, (re)digitar, na tentativa de não deixar escapar nenhuma marca da oralidade para que a transformação daquele texto em um texto escrito, com características próprias, fosse mais próximo de algo que o entrevistado diria. Esse momento foi superado e, embora tenha sido muito dificultoso, não foi tão complicado quanto a fase que me encontro agora: as textualizações.

² A escrita de escolaS dessa forma é para ressaltar nosso entendimento de escola nesse período de pandemia. Ao que nos parece é que escolas outras aconteceram, cada uma com sua forma pluralizando o conceito de escolas ao passo que houve nesse período uma multiplicidade de escolas.

³ [...] é uma alteração o suporte da entrevista, do meio magnético ou digital para o papel: é a fixação do diálogo por meio de caracteres gráficos. [...] é um processo demorado e minucioso, a elaboração de um primeiro registro escrito que, posteriormente, será “textualizado”. (GARNICA, 2007)

A textualização é o momento em que o pesquisador transforma mais radicalmente a transcrição, reordenando cronologicamente as informações e constituindo um texto coeso, pleno, sem os momentos de perguntas e respostas, assumindo para si a primeira pessoa do narrador. A textualização é um texto do historiador que respeita os dados do depoimento, mas está essencialmente alterado em seu estilo. (GARNICA, 2003, p. 24)

Iniciei os trabalhos de textualização em fevereiro de 2020. Cinco entrevistas para textualizar. O trabalho de textualização requer muita concentração e leitura. Não consiste em apenas limpar as marcas da oralidade. É preciso construir uma narrativa cronológica, com certa linearidade apresentando como os fatos foram ocorrendo. De acordo com Silva (2020) “[...] é um texto no qual tentamos manter as singularidades, as particularidades e os elementos discutidos no momento da entrevista”.

Textualizar requer trabalho cognitivo e é um processo complexo de muita (re) interpretação. Para Reis (2020, p. 42) “A textualização é entendida aqui como uma narrativa produzida em colaboração, um texto produzido pelo pesquisador a partir da fala do entrevistado”. É um momento que precisamos estar totalmente submersos no texto e sem fatores externos que tiram nossa concentração.

Textualizar tem sido uma das etapas da pesquisa mais difíceis até o momento. Trazer o texto oral para a língua culta tem sido meu maior desafio. Silva (2020, p. 268) entende que “[...] o processo de textualizar não se trata apenas de uma edição da transcrição, mas é um texto construído em coautoria a partir do momento da entrevista” onde se busca preservar as ideias do entrevistado.

Nas narrativas aparecem muitos vícios da linguagem, marcas da oralidade e ideias não concluídas. Não podemos alterar o sentido da narrativa, nem descaracterizar a fala do sujeito. Mas o texto final fica carregado de marcas que sutilmente deixamos mesmo tendo todo o cuidado para deixar o mais próximo da narrativa do professor.

3. Caminhos da pesquisa realizada de forma remota

Em janeiro de 2020, me inscrevi no processo seletivo para o Mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O processo havia sido prorrogado, pois havia vagas remanescentes. Vi uma oportunidade para melhorar o currículo. Já no processo seletivo,

comemorava a aprovação em cada fase e me sentia orgulhosa. Com a aprovação no Mestrado precisava tomar uma decisão, matricular ou não no curso. A matrícula implicaria redução da carga horária de trabalho e com isso teria dificuldades em prover a família. Precisava tomar uma decisão que abalaria toda a estrutura da família. Pensei bastante e vi no mestrado uma oportunidade para, num período de 2 a 3 anos, conseguir uma estabilidade financeira num Instituto Federal, por exemplo. A escolha não foi fácil, mas estava tão certa do que queria que não hesitei no momento de tomada de decisão.

No final de 2019 ocorreu, no município de Campo Grande e no estado de Mato Grosso do Sul, um processo seletivo para lotação de professores convocados nas escolas públicas. Em 2020, esperei ser chamada para assumir minhas aulas. O diretor da escola que trabalhei anteriormente comentou sobre o interesse da minha permanência naquela unidade, uma escola de autoria⁴. Porém, para cursar o mestrado, precisava abrir mão e escolar uma escola de ensino regular, em que pudesse ter minha carga horária reduzida. Escolhi uma escola próxima à minha casa para facilitar o deslocamento. Nessa escola, eu trabalhava três dias e dois eram exclusivos para o Mestrado. Com a pandemia e as aulas remotas, tanto no trabalho quanto no mestrado, conseguia me organizar e dedicar bastante tempo semanal ao mestrado. Além disso, iniciei o ano com carga horária de trabalho de 30 horas semanais das quais, um mês depois, perdi 12 horas aula. Financeiramente foi um ano péssimo, o que ganhava não pagava nem o alimento. Precisava de ajuda mensalmente de pessoas da família. Também fazia trabalhos extras aos finais de semana e tinha uma aluna particular que me garantia um extra. Nos quatro últimos meses do ano consegui cobrir duas licenças médicas em duas escolas de Campo Grande, o que me ajudou muito. Mas devido a carga horária de trabalho, pude me dedicar bastante no primeiro ano de Mestrado. Fiz muitas leituras, tinha grupos de discussão paralelos e produzi bastante nas disciplinas.

⁴ Escola Estadual Vespasiano Martins. A Escola de autoria é “É um Programa de oferta do Ensino Médio em Tempo Integral – EMTI, denominado Escola da Autoria, que tem como proposta pedagógica a formação integral do jovem, estimulando não só o desenvolvimento da aprendizagem, mas também das competências socioemocionais, por meio da ampliação do tempo de permanência na escola e do oferecimento de componentes curriculares diferenciados, que articulam os conhecimentos da Base Nacional Comum Curricular com uma Parte Diversificada pensada para atender ao jovem e ao seu projeto de vida.” (disponível no site <https://www.cartasdeservicos.ms.gov.br/ensino-medio-em-tempo-integral-escola-da-autoria/>, acesso em 19/07/2021)

Minhas dificuldades começaram na escrita do roteiro das entrevistas no final de 2020. Parecia que o objetivo de pesquisa não estava muito claro, mas ao mesmo tempo, como eu vivenciava o contexto da sala de aula remota, eu pensava que ele era suficiente, e que não surgiriam nas entrevistas outras coisas além do esperado. Após roteiro pronto, passamos para a escolha dos depoentes. Já havíamos limitado que ouviríamos professores de matemática de escolas estaduais do município de Campo Grande que houvesse atuado em 2020. Não gostaríamos que fosse nenhum professor da nossa rede de contatos e optamos em convidar professores que haviam participado de um curso de extensão⁵ promovido pela UFMS naquele semestre. Com isso começamos a definir os depoentes.

A primeira entrevista foi muito tranquila, consegui seguir o roteiro e o depoente trouxe muitas informações na sua narrativa o que possivelmente permitirá uma boa análise. Na segunda entrevista, tive a impressão de que o depoente pensava bem antes de expressar. Parece-me que ele primeiro pensava na resposta e só depois articulava na oralidade. A sensação que ele estava preocupado com o que eu gostaria de ouvir e não com o que ele tinha de fato para falar. A terceira entrevista foi muito boa, mas esqueci de colocar para gravar e quando me dei conta, já havia transcorrido uma parte da entrevista. Depois agendei outro momento para fazer a entrevista da parte inicial, mas não foi mais a mesma coisa. Por algum motivo, nas outras duas entrevistas que fiz, me perdi no roteiro, não sei se porque as depoentes se antecipavam nas respostas, mas não consegui seguir o roteiro e tive a sensação de que as entrevistas ficaram um pouco truncadas. A proposta inicial era fazermos 7 entrevistas, uma entrevista por região de Campo Grande. Devido à dificuldade de conseguirmos depoentes, optamos por ficar com as cinco entrevistas e após todo o processo de transcrição e textualização, se sentíssemos a necessidade de ouvir mais professores, faríamos ainda mais duas entrevistas.

O cronograma no projeto de pesquisa é importantíssimo e segui-lo faz bem à saúde mental e nos dá a sensação de que a pesquisa está andando. Neste ano de 2021, fui obrigada, devido às condições financeiras já mencionadas, a retornar às 32 horas aula no trabalho. Como permaneceríamos em atividades remotas, julguei que fosse possível conciliar todas as atividades durante a semana. Só que neste ano estou na função de coordenadora pedagógica na

⁵ A utilização da mesa digitalizadora no ensino remoto de Matemática da ação de extensão A utilização de mesa digitalizadora no ensino remoto de matemática realizado(a) pelo(a) Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Esporte da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no período de 13/10/2020 a 17/12/2020 com carga horária de 20 horas.

rede municipal de ensino em Campo Grande e o trabalho tem me consumido. Não só o trabalho, como também a rotina da casa e as crianças. Continuo atendendo todas as demandas e provendo a casa como antes. Até deleguei responsabilidades para as meninas que hoje tem 12 e 9 anos. Mas a caçula ainda é muito dependente para fazer as tarefas escolares e estudar. Me vi completamente sufocada quando não conseguia concluir as textualizações. As transcrições também não foram fáceis, mas fazê-las aos poucos não implicava na produção do conteúdo e embora tenha demandado muito tempo, em média uma hora para transcrever uma página, era algo possível de ser feito. Já o trabalho de textualizar é diferente. É necessária uma leitura atenta e, na maioria das vezes, reescrever o que foi dito pelo entrevistado, sem alterar o sentido da fala. Essa é a fase que me encontro e que de acordo com meu cronograma já devia ter sido finalizada.

Trabalhar em casa e ter o privilégio de estar com a família diuturnamente são benefícios que a pandemia nos trouxe e quase ninguém reconhece. Só que estar em casa, mesmo organizando a rotina diária, significa que as funções se misturam e muitas vezes o trabalho não rende como deveria. Cachorro que late, interfone que toca, filho que interrompe muitas vezes ao dia, os grupos de trabalho no WhatsApp que não cessam, alguns pensam que, por estarmos em casa, estamos disponíveis para atendê-los a qualquer hora, café da manhã, almoço, lanche da tarde, janta, roupa, casa e por aí vai.

Por trabalhar remotamente de segunda a sexta no período diurno, organizei minha rotina para fazer as textualizações a noite. Porém, as noites sempre ficam curtas para esse trabalho e já me encontro muito cansada após um dia em frente ao computador. Muitas vezes passei semanas sem conseguir textualizar uma página. O trabalho na escola⁶ muitas vezes avançava até a noite e muitas noites eram utilizadas para fazer as tarefas ou estudar com as crianças⁷, preparar o jantar e até colocar uma roupa na máquina. O fato é que a rotina que me propunha para atender a todas as demandas não era seguida e as textualizações ficavam para depois. Trabalhar remotamente tem suas vantagens, mas ser fiel a rotina de atividades diárias nem sempre é possível. Tenho um espaço exclusivo no meu quarto onde trabalho e estudo. Mas não é o mais silencioso quando se tem em casa crianças, cachorro e prestadores de serviço fazendo

⁶ Atuo na função de coordenadora pedagógica na Escola Municipal Prof. Licurgo de Oliveira Bastos, em Campo Grande, MS, com carga horária de 32 horas semanais.

⁷ Luiz Fernando, 17 anos, Luiza Flávia, 12 anos e Laís Fernanda, 9 anos.

reforma. Tentei trabalhar as textualizações no silêncio da madrugada, sempre produzi melhor e muito mais das 3 horas às 5 horas da manhã. Mas, foram várias madrugadas que não consegui acordar. Utilizava muito os feriados e finais de semana, pois a sensação de rendimento era muito maior. Passava até oito horas trabalhando nas textualizações. Mas esses momentos foram a exceção, poucos e raros. Ficar em frente ao computador por várias horas compromete a circulação e só me dou conta disso quando não mais estou sentido minhas pernas, ou quando o pé não cabe mais no chinelo.

Quando iniciei a pesquisa e fui me apropriando da metodologia de História Oral, já sentia em meu coração que o trabalho não seria fácil. Acostumada a trabalhar com números, por ser da área de exatas, teria que produzir os dados a partir das narrativas de professores. É claro que a potência das narrativas nos permite acessar o que os professores dizem acontecer no dia a dia da sala de aula, mas as produções dessas narrativas se mostraram, ao longo do processo de pesquisar, como algo muito exaustivo.

Uma das dificuldades em textualizar é que como as entrevistas tem duração média de uma hora, as transcrições são longas totalizando de quinze a vinte páginas. O ideal seria textualizar a entrevista num mesmo dia, por estar totalmente envolvido na cadência do texto. Porém, não consegui fazer esse exercício visto que levo muito tempo para conseguir textualizar uma página. Essas paradas que precisamos fazer quebram a rotina do trabalho e quando retorno ao texto, tenho que retornar ao que fiz inicialmente para conseguir seguir. Tentei várias vezes utilizar todo tempinho livre para trabalhar nas textualizações, mas infelizmente não rende. É um trabalho metódico de idas e vindas no texto que parecem não ter fim. Não imaginava que esse trabalho seria tão lento.

Na textualização da primeira entrevista as respostas eram muito longas e as ideias, às vezes, incompletas. Várias vezes precisei recorrer as gravações para ouvir novamente o trecho transcrito. O entrevistado em suas respostas tentava sempre exemplificar o que narrava e com isso a textualização não fluía devido as idas e vindas no texto. Respostas muito longas que às vezes não conseguia textualizar num mesmo dia e quando retornava no texto para dar sequência era como se estive iniciando novamente e não retomando. Em média duas horas para textualizar uma página, uma vez que todo cuidado é necessário para não alterar o tom do entrevistado.

Na segunda textualização o trabalho foi diferente. No momento da entrevista já senti a diferença na narrativa. Silêncios ocupavam os espaços entre as perguntas e respostas. O entrevistador refletia a pergunta como se estivesse elaborando uma resposta. As narrativas não são inocentes, mas também ativa as memórias do passado e se constitui no presente a partir da sensibilidade do entrevistador. Os silêncios por si só já dizem muito. Na textualização dessa entrevista não tive tanta dificuldade, pois as respostas foram muito bem elaboradas e coerentes.

Na terceira textualização, estou trabalhando há mais tempo. Mesmo porque outras coisas atravessaram meu caminhar na pesquisa e meu tempo ficou mais reduzido para as atividades de produção dos dados. Passo dias que não consigo textualizar um único parágrafo. O texto transcrito dessa entrevista traz muitas marcas da oralidade e tem dificultado todo o processo de textualização. Às vezes (re)leio, volto na gravação várias vezes para fazer uma escrita o mais próxima possível da oral e preservar a narrativa do depoente. Essa entrevista é marcada por diversas pausas e muitos vícios de linguagem, que é normal no texto transcrito. Mas os atravessamos nesse caminhar não estão associados apenas as dificuldades no processo de textualização, por ser longo, demandar trabalho cognitivo e fidelidade ao texto do narrador.

Descobri nesses seis primeiros meses atuando em várias frentes: professora, mãe, dona de casa, acadêmica... que não consigo produzir com barulho. Tenho muita dificuldade de concentração. E também tenho dificuldades de retomar de onde parei. As textualizações são extensas, sei que não é fácil concluí-las em um único dia, mas a perda é enorme quando tenho que retomá-las. Sou muito exigente com minha escrita, me corrigindo várias vezes. Sempre com aquela sensação de que a textualização não está boa e buscando outras palavras que não altere a narrativa do entrevistador. Com isso, a finalização das textualizações fica comprometida e essa demora atrasa o avanço da pesquisa. Por algumas vezes procrastinei o trabalho com as textualizações por não estar suportando fazer tal exercício. Um desgaste físico e mental enorme, um trabalho exaustivo. Mesmo sabendo que preciso concluir, sinto falta de tempo para leituras e discussões com os colegas. Essa fase da pesquisa não está sendo fácil, pois a produção está muito lenta. Me cobro muito por isso, mas ao mesmo tempo não tenho conseguido me dedicar mais. Uma angústia, um cansaço, um desespero e o tempo que tem me atropelado.

Às vezes, vejo meu sonho de concluir o mestrado escorrendo pelas minhas mãos. Não é fácil gerenciar todas as atividades do dia e buscar formação acadêmica quando se tem tantas limitações. Há ainda dificuldades emocionais que tem me abalado, mas também são molas

propulsoras que me fazem ter a certeza de que vou superar todas essas dificuldades nessa fase da pesquisa e ir em frente.

4. Considerações

Essa narrativa foi um exercício de pensar a pesquisa e, em especial o que tem impedido a produção dos dados. Concentrar todas as atividades num único espaço que tem a função de abrigar, proteger, repousar... foi a única opção, visto que para evitarmos a proliferação do vírus a solução era não aglomerar. Com isso, todas as tarefas eram desempenhadas em casa e sua principal função ficou em segundo plano. Ter o controle sobre todas as coisas que acontecem em casa quando não se tem com quem dividir é muito difícil. Dar conta de todas as demandas e ainda conseguir concentração para produzir as textualizações, não tem sido uma tarefa fácil. Falta horário, silêncio e foco. O exercício que preciso me propor é não permitir sabotagem. Pois planejamento, cronograma e rotinas são escritas e não tem sido cumprida. O processo de textualização não é simples, nem rápido, muito menos fácil. É preciso encarar o trabalho e ser fiel ao tempo dedicado a produção dos dados. Todos os dias um pouco, mas sempre. Ser constante, (re)educar a rotina.

A escrita desse texto me fez e faz refletir acerca da minha posição na pesquisa. Desde o início já sabia que não seria fácil, então, porque tenho sofrido tanto com isso? A fase das textualizações daqui a pouco se encerra e as dificuldades na produção dos dados, que ora relatei, não mais serão e darão espaço a outras demandas da pesquisa. Esse exercício, embora não seja simples, é muito importante, pois a partir das transcrições e da textualização vamos nos apropriando das narrativas dos professores e buscando por entender como eles se constituíram e como as escolas foram produzidas em 2020.

Esse texto foi importante para que eu possa perceber o movimento da pesquisa e escrever sobre as dificuldades no percurso nos faz refletir o porquê das dificuldades e compreender que é só mais uma dificuldade que aparece no caminhar, pois minha história nunca foi fácil. Esse movimento de escrever sobre a pesquisa se fez em um exercício de resignificar algumas ações realizadas e buscar outros caminhos para o pesquisar.

Referências

BOLÍVAR, A; DOMINGO, J; FERNÁNDEZ, M. La investigación biográfico-narrativa en educación: Enfoque y metodología. 1ª Edição. Madrid: Muralla S.A, 2001.

CURY, F. G.; SOUZA, L. A.; SILVA, H. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. *Bolema*, Rio Claro (SP). V. 28, n. 49, p. 10-925, ago. 2014.

GARNICA, A. V. M.; SILVA, C. R. M. . A História Oral como Abordagem Metodológica Qualitativa em Educação Matemática: Considerações a Partir das Práticas de um Grupo de Pesquisa. In: MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO / ANTÓNIO PEDRO COSTA. (Org.). *Leituras em pesquisa qualitativa*. 1ed.São Paulo: Livraria da Física, 2019, v. 1, p. 145-160.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; SOUZA, Luzia Aparecida de. **Elementos de história da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GARNICA, A. V. M. Um ensaio sobre História Oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. *Revista Quadrante*, Vol. XVI, Nº 2, 2007

_____. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. *Revista ZETETIKÉ – Cempem – FE – Unicamp – v.11 – n. 19 - Jan./Jun. 2003*

NACARATO, A. M.; PASSOS, C. L. B.; GARNICA, A. V. M. Narrativas (auto)biográficas: artes de conhecer como professores de matemática se constituem profissionalmente. *Anais do IV CIPA*. 2010. (Mesa-redonda)

NÓVOA, A. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.) *Vidas de professores*. 2. ed. Porto Editora, 1995. p. 11-30 (Coleção Ciências da Educação).

PORTELLI, A. História oral como arte da escuta/ [tradução Ricardo Santhiago] –São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, Ana Carolina De Siqueira Ribas dos. **MORTE E VIDA SEVERINA: auto de natal em Educação Matemática**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). 163 f. Campo Grande, 2020.

SILVA, Marineia dos Santos. O que podem as narrativas na Educação Matemática brasileira. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP). 403 f. Rio Claro, 2020.